



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS V

COLEGIADO DE HISTÓRIA

ELIELSON SANTOS DE SOUZA

**HISTÓRIA E MEMÓRIA: MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DE TRABALHADORES DA
COMERCIAL SÃO LUIS (SANTO ANTONIO DE JESUS, ANOS 1980/90)**

SANTO ANTONIO DE JESUS - BA
2024

ELIELSON SANTOS DE SOUZA

**HISTÓRIA E MEMÓRIA: MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DE TRABALHADORES DA
COMERCIAL SÃO LUIS (SANTO ANTONIO DE JESUS, ANOS 1980/90)**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciado (a) em História pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Campus V.

Orientador: Profº. Drº. Edinaldo Antônio de Oliveira Souza.

SANTO ANTONIO DE JESUS - BA
2024

FOLHA DE APROVAÇÃO

HISTÓRIA E MEMÓRIA: MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DE
TRABALHADORES DA COMERCIAL SÃO LUIS (SANTO ANTONIO DE
JESUS, ANOS 1980/90)

ELIELSON SANTOS DE SOUZA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de licenciatura em História, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Licenciado em História pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Campus V, Departamento de Ciências Humanas.

Aprovado em: 19/03 2024

Banca Examinadora:

Edinaldo Antônio Oliveira Souza

Dr. Edinaldo Antônio Oliveira Souza - Orientador
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Hamilton Rodrigues dos Santos

Dr. Hamilton Rodrigues dos Santos - Examinador(a)
Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Nancy Rita Sento Sé de Assis

Dra. Nancy Rita Sento Sé de Assis - Examinador(a)
Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Santo Antônio de Jesus – BA
2024

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus, sem o qual jamais teria conseguido realizar esse trabalho, agradeço também por todas as vezes que me instruiu e me encorajou a não desistir.

Aos meus pais, Helion e Maria Conceição, por todo apoio, amor e cuidado e por sempre estarem ao meu lado. Agradeço também aos meus irmãos, e a minha esposa Cristiana pelas orações e palavras de incentivo.

A todo o corpo docente do curso de Licenciatura em História, especialmente ao meu orientador Edinaldo Souza pela dedicação e tranquilidade em me conduzir no desenvolvimento desta pesquisa.

E enfim, ao grupo Voluntários de Cristo, do qual faço parte, por cada oração e por todas as mensagens de fortalecimento e fé. Agradeço também aos grandes amigos que fiz na graduação e que irei levar por toda vida, muito obrigada Amanda, Crispina e Reuel, por todo companheirismo, lealdade e amizade.

RESUMO

O presente estudo pretende constituir um lugar de memória para os empregados da Comercial São Luís de forma a contribuir para a construção e preservação de uma memória coletiva, considerando as experiências históricas vividas por este grupo de trabalhadores, dando visibilidade a outras narrativas que fazem parte da trajetória e da história da instituição. Essas memórias trazem outros ângulos para que possamos conhecer e refletir sobre a história da empresa, focalizando as décadas de 1980 / 1990, período marcado pelo processo de desenvolvimento urbano e comercial na cidade de Santo Antonio de Jesus, buscando fortalecer um sentimento de identificação e de pertencimento dos atuais trabalhadores com aqueles que os precederam. Para tanto, utilizamos de entrevistas com trabalhadores, patrões e clientes, recorrendo à metodologia da história oral e aos estudos sobre a relação entre memória e história, que foram fundamentais para a realização dessa pesquisa. Os resultados da pesquisa mostram a importância das narrativas dos entrevistados que participaram desse processo para a compreensão da história local, reconhecendo o protagonismo histórico dos trabalhadores de pequenas e médias cidades do interior, que foram, por muito tempo, negligenciados pelos estudos da História do Trabalho.

Palavras-chave: Comercial São Luís – Trabalhadores – Memória e História

ABSTRACT

The present study aims to constitute a place of memory for the employees of Comercial São Luís in order to contribute to the construction and preservation of a collective memory, considering the historical experiences lived by this group of workers, giving visibility to other narratives that are part of the trajectory and history of the institution. These memories bring other angles so that we can learn about and reflect on the company's history, focusing on the 1980s/1990s, a period marked by the process of urban and commercial development in the city of Santo Antonio de Jesus, seeking to strengthen a feeling of identification and belonging of current workers to those who preceded them. To do so, we used interviews with workers, bosses and customers, using the methodology of oral history and studies on the relationship between memory and history, which were fundamental for carrying out this research. The research results show the importance of the narratives of the interviewees who participated in this process for understanding local history, recognizing the historical protagonism of workers from small and medium-sized cities in the interior, who were, for a long time, neglected by studies of Labor History .

Keywords: São Luis Commerce – Workers – Memory and History.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
1. A EMPRESA E A CIDADE.....	14
1.1 Santo Antônio de Jesus: uma cidade com “vocação” comercial	15
1.2 Uma empresa octogenária: origem e ascensão da Comercial São Luis.....	19
1.3 A memória fotográfica da empresa.....	20
2. MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DOS EMPREGADOS DA COMERCIAL SÃO LUÍS.....	24
2.1 Origens, perfil social e ingresso no emprego.....	24
2.2 A representação da empresa na memória de antigos empregados.....	29
2.3 As condições de trabalho e salários na empresa.....	31
2.4 As relações verticais e horizontais no ambiente de trabalho.....	32
2.5 Para além do ambiente de trabalho.....	36
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39
5. FONTES	41
6. APÊNDICES.....	43
7. ANEXOS	44

INTRODUÇÃO

*Quer construir
reformatar
Decorar sem sair do
lugar?
Cuidar da beleza,
corpo, mente e
bem estar? “Vem pra
cá, vem!”
Sinônimo de força e
superação
Em uma única
palavra: gratidão
Eu sou 81 anos de
história
Fica aí um resumo da
minha
Trajetória:
Era apenas um
sobrado
Hoje sou referência
no mercado
81 anos de existência
Obrigada pela
preferência...¹*

¹ Poema composto em 2022 pela ex-funcionária da Comercial São Luis, Janete Duarte, em comemoração pelos 81 anos de existência da empresa no mercado.

A epígrafe traz um pequeno poema, composto em 2022, por uma antiga funcionária da Comercial São Luis, Janete Duarte, em referência à comemoração dos 81 anos. As estrofes trazem elementos alusivos a uma representação da empresa, historicamente construída e difundida na cidade de Santo Antonio de Jesus e região: a variedade de produtos comercializados, que expressa um antigo slogan : “Onde você encontra tudo no mesmo lugar, pelo menor preço”, o pioneirismo, o empreendedorismo, a superação, longevidade e sucesso do empreendimento, o respeito e gratidão aos clientes. Embora tenha sido redigido por uma ex-funcionária, o poema expressa uma memória empresarial, que exalta a empresa, mas não faz nenhuma referência aos empregados ou “colaboradores”, como são chamados hoje.

Na comemoração dos 81 anos da empresa, com certo ufanismo característico dessas efemérides, antigos e atuais diretores, clientes e o presidente da Associação Comercial e Industrial de Santo Antonio de Jesus exaltaram a importância da empresa, o empreendedorismo, a honestidade e a simplicidade do fundador, características que são associadas também à memória construída sobre a empresa.

A atual diretora geral, Keila Brandão destacou o pioneirismo, o empreendedorismo, a simplicidade, o bom senso e a honestidade do fundador da Comercial São Luís, Sr. Mário Moreira Sampaio, um empresário que sempre teve os “pés no chão”, procurava evitar despesas desnecessárias “para poder honrar com todos os compromissos”. O presidente da Associação Comercial e Empresarial de Santo Antônio de Jesus, Joel Lessa comparou a Comercial São Luis a “uma faculdade para a vida pessoal e profissional de muitas pessoas”, que lhe ensinou e também a outros empresários o que é empreendedorismo e associativismo. Ensinou também “sobre o quanto a união de pessoas e empresa é importante para o desenvolvimento e fortalecimento da comunidade”.²

De modo geral, essas falas representam uma memória oficial empresarial, que enaltece as iniciativas, decisões e valores morais do pioneiro fundador, como o empreendedorismo, a simplicidade, a dedicação e a honestidade como fatores que explicariam êxito do empreendimento e que caracterizariam a identidade da empresa.

Sem desmerecer a “memória oficial” da empresa, a história da Comercial São Luis também pode ser contada de outras perspectivas, focalizando as memórias, as experiências e o cotidiano dos empregados da empresa. Qual a origem social desses trabalhadores? Como eram contratados pela empresa? Quais as condições de trabalho na empresa? Como eram as relações verticais entre empregados e patrões e as relações horizontais entre os empregados da

² Disponível em: <https://espacoempresariaisaj.com.br/comercial-sao-luis-completou-80-anos-de-historia-em-santo-antonio-de-jesus/> Acesso em 04 de fevereiro de 2024.

empresa? Como era o cotidiano e as formas de lazer dos empregados? Qual o significado da empresa na vida desses trabalhadores?

Esse estudo privilegia as memórias e experiências³ dos trabalhadores, se insere, portanto, no campo da história social do trabalho. Desde as últimas décadas do século passado, a história social e a chamada nova história reconheceram a historicidade das “pessoas comuns”, que não protagonizaram eventos extraordinários. Desde então, as memórias, as experiências e o cotidiano de trabalhadores livres e escravizados, mulheres, prisioneiros e outros sujeitos e grupos sociais, que foram negligenciados, silenciados ou “excluídos da história”⁴ pelas abordagens estruturalistas e marxistas da história política e econômica, ganharam notoriedade nas pesquisas históricas.

Sobretudo a partir dos anos 1980/90, verificou-se um processo de renovação teórica e metodológica na história social do trabalho. Desde então, houve um considerável aumento no volume e na qualidade da pesquisa produzida, que sem dúvida alguma, trouxe reflexos bastante evidentes em cada publicação, na diversidade de temas e enfoques abordados, ampliação do universo cronológico, diversificação do contexto geográfico e inclusão de novos sujeitos e novas fontes (a exemplo das fontes orais e processos trabalhistas), além da criação de ambientes institucionais e também acadêmicos para a história do trabalho. Como assinala Cláudio Batalha,

a história do trabalho passou por um processo de ampliação no que diz respeito aos temas e de abertura no que diz respeito às abordagens e enfoques. Essas mudanças possibilitaram seu retorno ao primeiro plano da produção acadêmica, fugindo ao ostracismo a que fora relegada e contrariando as previsões de sua morte anunciada nos anos 1990 (BATALHA, 1998, p 88).

Em relação à ampliação do enfoque, um aspecto evidente tem sido a discussão sobre quem e que aspectos podem ser incluídos em uma história do trabalho. E, portanto, qual poderia ser seu objeto. Atualmente, há praticamente um consenso de que a redução da história do trabalho ao operariado, branco, fabril, masculino, sindicalizado não faz nenhum sentido, pois seria o mesmo que excluir outras categorias de trabalhadores livres e não livres, rurais e urbanos, autônomos e assalariados, sazonais e contratados, negros, mulheres e todos aqueles

³ Com E. P. Thompson, entendemos o conceito de experiência como a realidade vivida e percebida e/ou apropriada racionalmente pelos trabalhadores, a partir de seus referenciais históricos e culturais, compreende, portanto, a práxis social, a dialética entre estrutura e sujeito, entre o ser social e a consciência social (Ver: THOMPSON, Edward P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. Idem. “As peculiaridades dos ingleses”. In: Antonio Luigi Negro e Sérgio Silva [Orgs.]. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001).

⁴ Expressão utilizada por Michelle Perrot. Ver: PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

que estiveram à margem dos grandes centros urbanos e industriais. Atualmente, existem estudiosos que pesquisam sobre a escravidão e o mundo rural que se identificam na história do trabalho. Todavia, precisa-se destacar que ainda há uma ênfase maior de pesquisas sobre trabalhadores livres, urbanos, industriais e da região Sudeste, nessa área de estudos.

Conforme assinala Cláudio Batalha (1998), a própria noção de classe social, conceito central nesse campo de estudos, sem deixar de estar presente, não reina mais absoluta. Os pesquisadores têm sido cada vez mais sensíveis a outros recortes, além do de classe, tais como gênero, raça e etnia. Assim, ao invés de se contrapor a esses diversos recortes, a história do trabalho, nos últimos anos, busca integrá-los.

Com a diversidade de temas tratados, não há um privilégio para esse ou aquele aspecto, pois existe uma tendência a dar mais atenção à diferença e à complexidade da realidade social. Nesse sentido, as novas pesquisas se contrapõem a uma história tradicional do trabalho que esteve preocupada, sobretudo, com os aspectos que unem os trabalhadores, passando a valorizar outras dimensões essenciais para uma melhor compreensão da ação classista, como os aspectos que os dividem (diferenças de ganhos e de status social, de origens étnicas, crenças, etc). Assim sendo, certas oposições que prevaleceram durante muito tempo nesse campo, como as oposições entre organização e cotidiano, militância e trabalhadores não-organizados, trabalho e lazer, agora têm pouco espaço.

Quanto aos estudos no campo da história do trabalho na Bahia, Edinaldo Antonio faz a seguinte análise:

comparativamente com a tradição de estudos sobre o século XIX e as elites políticas baianas no período republicano, não muitas pesquisas trataram especificamente dos trabalhadores e do movimento sindical na Bahia. Quando o fizeram, quase sempre, priorizaram os petroleiros e o contexto do “novo sindicalismo”, por considerarem que essas experiências melhor representariam um processo de formação de classe entre os trabalhadores baianos. Noutras situações, tenderam a focalizar os processos de trabalho, o cotidiano dos trabalhadores e a questão de gênero. (SOUZA, 2015, p 16)

Conforme Edinaldo Souza muito bem frisou, ainda são poucos os estudos no campo da história social do trabalho na Bahia, que procuram acompanhar o processo de atualização teórica e metodológica vivenciado no plano nacional e internacional, com renovação de temas, enfoques, sujeitos e fontes.⁵ Até recentemente, nos poucos estudos realizados, houve

⁵ CASTRO, Nadya Araújo. “Sindicalismo metalúrgico: mesmas cenas em outros cenários?”. *Caderno CRH*, n. 14, jan./jul. 1991; CUNHA, Joaci de Souza. *Amargo açúcar: aspectos da história do trabalho e do capital no Recôncavo açucareiro da Bahia (1945-1964)*. Dissertação (Mestrado em História), Salvador, UFBA, 1995; SANTOS, Mário Augusto S. *A República do Povo. Sobrevivência e Tensão*. Salvador: Edufba, 2001; CASTELLUCCI, Aldrin A. *Industriais e operários baianos numa conjuntura de crise*. Salvador: Fieb, 2004; FONTES, José Raimundo. *A Bahia de Todos os Trabalhadores: a classe operária, sindicatos e política (1930-1947)*. Tese (Doutorado em História). São Paulo: FFCHL-USP, 1997; SILVA, Elizabete Rodrigues da. *Fazer*

uma prioridade em tratar da categoria dos petroleiros⁶, quando se referiram a outras categorias de trabalhadores, quase sempre o fizeram sob “os estigmas do atraso e da cordialidade”⁷, predominando assim um “silenciamento” no que se refere às memórias e às experiências da maioria dos trabalhadores, especialmente do interior do estado.

Portanto, o presente estudo sobre as memórias e experiências dos comerciários numa cidade do interior da Bahia, a partir de um estudo de caso - os empregados da Comercial São Luis -, representa mais uma contribuição a esse processo de renovação vivenciado desde as últimas décadas do século passado no campo da História Social do Trabalho.

Parafrazeando o historiador britânico Eric Hobsbawm (2000), “é importante recuperar o que pudermos sobre o modo como os trabalhadores pobres viviam, agiam e pensavam”. Para o autor, a produção “de história oral ou mesmo de memórias realmente escritas por homens e mulheres da classe trabalhadora” amplia essa perspectiva.

Contudo, por muito tempo predominou um acalorado debate acerca da história oral. De um lado, estavam pesquisadores que defendiam a história oral e a produção da fonte oral como um instrumento capaz de acessar as experiências e o cotidiano de pessoas comuns, que não protagonizaram grandes eventos e processos históricos, que não produziram (ou deixaram poucos) registros diretos das suas experiências e memórias, ou mesmo como complementação a outras fontes históricas. Do outro lado estavam os críticos, que questionavam a objetividade e confiabilidade da fonte oral, por entenderem que a rememoração do passado sempre será comprometida pelas experiências vivenciadas pelo depoente no tempo presente.

Segundo Ferreira (2000, p. 52), por muito tempo, o uso de memórias como evidência histórica foi severamente criticado. No início dos anos 1960 havia a crítica de que a memória

charutos: uma atividade feminina. Dissertação (Mestrado em História). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2001; PAIXÃO, Neli Ramos. *Ao soar do apito da fábrica*: idas e vindas de operárias (os) têxteis em Valença – Bahia (1950 -1980). Dissertação (Mestrado em História). Salvador: UFBA, 2006; SANTOS, Mariléia Oliveira. *O viver na “Cidade do Bem”*: tensões, conflitos e acomodações na Vila Operária de Luiz Tarquínio na Boa Viagem/ BA. Tese (Doutorado em História). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais/ PPGH, 2010; SOUZA, Edinaldo A. O. *Lei e costume*: experiências de trabalhadores na Justiça do Trabalho (Recôncavo Sul, Ba, 1940-1960). Salvador: EDUFBA, 2012; Souza, Edinaldo Antônio Oliveira. *Trabalho, política e cidadania*: Trabalhadores, sindicatos e luta por direitos (Bahia, 1945-1950). Tese (Doutorado em História). Salvador: UFBA, 2014.

⁶AZEVEDO, Thales de. “O advento da Petrobrás no Recôncavo”. In: BRANDÃO, Maria A. (org.). *Recôncavo da Bahia: sociedade e economia em transição*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado; ALBa; UFBA, 1998; GOMES, José Carlos de S. *A dupla exploração e a discriminação do trabalhador negro nas indústrias petroquímicas e químicas de Camaçari*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). João Pessoa: UFPB, 1985; OLIVEIRA JR., Franklin. *A Usina dos Sonhos*. Sindicalismo petroleiro na Bahia 1954-1964. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1997; GUIMARÃES, Antônio Sérgio A. *Um sonho de classe*. Trabalhadores e formação de classe na Bahia dos anos oitenta. São Paulo: HUCITEC, 1988; IVO, Alex de Souza. *Uma História em Verde, Amarelo e Negro*: classe operária, trabalho e sindicalismo na indústria do petróleo (1949-1964). Dissertação (Mestrado em História). Salvador, UFBA, 2008.

⁷COSTA PINTO, L. A. “Recôncavo: Laboratório de uma Experiência Humana”. In: BRANDÃO, op. cit.; OLIVEIRA, Francisco de. *O Elo Perdido: classe e identidade de classe*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

seria distorcida pela deterioração física na velhice, pela nostalgia, pelos preconceitos pessoais - tanto do entrevistador quanto do entrevistado - e pela influência das versões retrospectivas e coletivas do passado.

Os críticos da história oral acreditavam que a subjetividade dos fatos e os fatores genéticos poderiam confundir ou mesmo distorcer os acontecimentos do passado. Porém, os historiadores orais desafiaram as críticas e através de abordagens teoricamente sofisticadas procuraram recuperar as reminiscências de histórias de vida que foram ganhando espaço e divulgando a importância desse campo de estudos.

A partir da década de 1970, com a emergência de novos movimentos sociais, estudantil, operário, negro, feminista, indígena e de outros grupos que reivindicavam seu lugar na história, a história oral foi se afirmando como uma importante estratégia metodológica para acessar a voz dos trabalhadores, mulheres, negros, indígenas e outros grupos sociais que, por muito tempo, foram negligenciados e silenciados pela história. A metodologia utilizada nessa pesquisa é a produção da fonte oral.

Sob a influência teórica e metodológica da chamada nova história, desde as duas últimas décadas do século passado, houve uma ascensão dos estudos no campo da história oral e da memória. Nesse contexto, diversos estudos passaram a lançar mãos do recurso da história oral e da memória como fonte e metodologia de pesquisa histórica no Brasil. Segundo Grele,

nas décadas de 80 e 90 houve uma explosão de pesquisas utilizando histórias de vida, orais e escritas, em uma ampla gama de campos intelectuais, geralmente os que atravessavam fronteiras disciplinares tradicionais, como a sociologia de história de vida, as abordagens biográficas e autobiográficas em estudos literários, a antropologia, estudos culturais, psicologia narrativa, estudos de linguística e comunicação e trabalhos conexos que exploravam as relações entre identidade, memória e narrativa pessoal. (GRELE, 1995 apud FERREIRA et al., 2000)

Diante disso, compreendemos que a história oral parte de uma visão mais ampla da experiência humana, e tem a capacidade de captar a voz daqueles que não puderam ou não sabiam escrever, captar o que foi visto e não foi notado, o que foi vivido, mas não foi registrado. Segundo Porteli, o uso da história oral permite, através de fontes orais, usar “narrativas individuais, informais, dialógicas, criadas no encontro entre historiador e narrador”.

Neste sentido, é primordialmente uma arte da escuta. Mesmo quando o diálogo permanece dentro da agenda original, os historiadores nem sempre estão cientes de que certas perguntas precisam ser refeitas, uma vez que a memória apresenta esquecimentos, particularismos e silêncios, sendo carregada de emoções, traumas, valores, interesses e

referenciais culturais, o que exige do historiador, por meio de sua metodologia, ter a capacidade de transformá-la em fonte, servindo assim de fundamento para a criação da narrativa histórica.

Desse modo, a metodologia dessa pesquisa fundamenta-se na produção da fonte oral e na abordagem qualitativa de dados levantados através das entrevistas com empregados e diretores da empresa e no diálogo crítico com a historiografia pertinente. Segundo Marconi e Lakatos (2005), o uso do método qualitativo fornece uma análise mais detalhada sobre investigações, hábitos, atitudes e tendências de comportamentos.

Para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, a partir de um roteiro previamente elaborado. Segundo Marconi e Lakatos (2010, p.178), “as entrevistas constituem-se em técnicas de coletas de dados, que permitem a investigação social”. De acordo com Flick (2004, p.34), “as entrevistas com roteiros semiestruturados, em comparação com as entrevistas padronizadas ou com os questionários, facilitam o processo de obtenção de informações, a partir do ponto de vista dos entrevistados.”.

De acordo com Ronald J. Grele a história oral é definida pela presença de "entrevistas com participantes, testemunhas oculares dos eventos do passado, visando a reconstrução histórica" (GRELE, 1996 apud FERREIRA et al., 2000). Entende-se que a história oral é um valioso método de pesquisa, imprescindível para a história do século XXI, uma vez que permite acesso à experiências não documentadas - inclusive as vidas de líderes que ainda não escreveram suas autobiografias - e, mais importante, às "histórias ocultas" daqueles que são vistos socialmente como os marginalizados como por exemplo: trabalhadores, mulheres, indígenas, minorias étnicas e membros de outros grupos oprimidos, ou excluídos.

Através dos relatos orais podemos acessar aspectos da experiência humana, que não foram registrados nas fontes escritas, tais como relações pessoais, vida doméstica e a natureza de organizações clandestinas e até mesmo o contexto de vida dos trabalhadores antigos de determinada empresa, visto que ao realizar as entrevistas elas nos oferecem uma rica evidência sobre os verdadeiros significados subjetivos, ou pessoais, de eventos passados advindos da memória de quem vivenciou ou presenciou.

O universo cronológico da pesquisa compreende as duas últimas décadas do século XX, que corresponde ao período em que os empregados entrevistados trabalharam na empresa em que esta vivenciou uma expansão das suas atividades e passou por algumas reformas. O universo geográfico compreende o espaço da empresa e a micro-região a cidade de Santo Antonio de Jesus, onde ela está situada.

É pertinente desenvolver uma pesquisa sobre esta empresa, procurando ouvir a voz

dos trabalhadores, incluir suas memórias e valorizar experiências. Pois, compreende-se, que a história não deve ser construída apenas a partir da memória oficial das elites políticas e econômicas e de documentos escritos, é necessário incluir as memórias de grupos e sujeitos, cujas vozes foram, quase sempre, silenciadas ou apagadas da história. Trata-se, assim, de um estudo de caso, que ajuda a compreender/explicar a dinâmica do desenvolvimento urbano e comercial em pequenas e médias cidades do interior, focalizando as memórias e experiências de trabalhadores do comércio.

Desse modo, esta pesquisa representa mais uma contribuição para a História Social do Trabalho, ao lançar luz sobre as memórias e experiências dos comerciários em cidades do interior, longe dos grandes centros urbanos e industriais, quase sempre negligenciados pela historiografia. Além disso, poderá fortalecer um sentimento de identificação e de pertencimento dos atuais trabalhadores com aqueles que os precederam no passado.

A monografia está estruturada em dois capítulos, além da introdução e das considerações finais. A introdução apresenta o objeto de estudo, os fundamentos teóricos e metodológicos e uma breve revisão bibliográfica sobre o tema estudado.

O primeiro capítulo, intitulado “A empresa e a cidade”, procura situar o objeto de estudo no seu espaço e tempo, e aborda também a relação entre o processo de urbanização e desenvolvimento comercial na cidade de Santo Antonio de Jesus, e a trajetória da comercial São Luis. O capítulo se subdivide nos seguintes tópicos: “Santo Antônio de Jesus: uma cidade com “vocação” comercial”; “Uma empresa octogenária: origem e ascensão da Comercial São Luis” e “A memória fotográfica da empresa”.

O segundo capítulo, intitulado “Memórias e experiências dos empregados da Comercial São Luís”, aborda as memórias e experiências dos empregados da comercial São Luis. O capítulo se subdivide nos seguintes tópicos: “Origens, perfil social e ingresso no emprego”; “A representação da empresa na memória de antigos empregados”; “As condições de trabalho e salários na empresa”; “As relações verticais e horizontais no ambiente de trabalho” e “Para além do ambiente de trabalho”. Por fim, nas considerações finais são apresentadas possíveis conclusões e resultados alcançados na pesquisa.

1. A EMPRESA E A CIDADE

Esse capítulo procura situar o objeto de estudo no seu espaço e tempo. Aborda a relação entre o processo de urbanização e desenvolvimento comercial na cidade de Santo Antonio de Jesus, ao longo da segunda metade do século XX e a trajetória da comercial São

Luis.

1.1. Santo Antônio de Jesus: uma cidade com “vocação” comercial

De acordo com memorialistas e pesquisadores locais, a cidade de Santo Antônio de Jesus, tem sua origem a partir de uma Capela construída pelo Padre Matheus Vieira de Azevedo, em 27 de setembro de 1776, em terras da sua propriedade que integravam o município de Nazaré das Farinhas.

O povoamento da cidade de Santo Antônio de Jesus teve forte estímulo a partir do cultivo de alguns produtos agrícolas, como café, mandioca, banana, laranja, fumo, e outros gêneros alimentícios. Após a emancipação política, favorecida pela localização geográfica em uma região bastante povoada e pela integração aos sistemas de transporte inicialmente ferroviário e depois rodoviário, a cidade logo apresentou uma predisposição para as atividades comerciais.

Para Milton Santos, o Recôncavo constitui um “complexo regional”, cuja unidade “provinha das relações mantidas de longa data entre suas várias porções com vocações e atividades diferentes”, coordenados pela cidade de Salvador. (SANTOS, 1998 apud QUADROS, 2009). Percebe-se uma diversidade nessa região, o que leva a ter uma visão do Recôncavo Baiano como um enorme conjunto formado por porções diferenciadas de grande relevância para o comércio de um modo geral.

A cidade de Santo Antonio de Jesus está localizada no Recôncavo Sul, uma das mais tradicionais áreas de ocupação e colonização do território brasileiro. Fora das tradicionais áreas de predomínio das culturas açucareira e fumageira, teve sua formação histórica marcada pela presença de uma economia de subsistência, além da produção de alimentos e materiais de construção que abasteciam a cidade de Salvador.

Em meados do século XX, essa microrregião constituía um mosaico de subáreas compostas por diferentes atividades que, além da subsistência dos produtores, eram responsáveis pelo abastecimento das feiras locais, ajudavam a prover a cidade de Salvador e até mesmo mantinham relações com mercados externos, através de pequenas exportações de artigos como fumo, açúcar, café, minérios, madeira, cacau, couro, etc.

O crescimento urbano e comercial verificado na espacialidade Recôncavo Sul desenha-se a partir do entrecruzamento de sua história com o desenvolvimento dos sistemas de comunicação e transporte ferroviário e, posteriormente, rodoviário. Desde o final do século XIX, havia a presença de uma ferrovia que ligava Santo Antônio de Jesus à cidade de Nazaré.

Em meados do século XX houve uma expansão dessa linha férrea de Santo Antonio de Jesus até a cidade de Jequié e, no sentido oposto, de Nazaré até o porto de São Roque do Paraguaçu, no município de Maragogipe, onde se podia pegar um navio até a capital Salvador.

Com a implementação do sistema de transporte rodoviário, a partir dos anos 1940, configuraram-se novos circuitos comerciais e de comunicações na região - processo que favoreceu Santo Antônio de Jesus pela sua localização geográfica e sua posição estratégica em relação à malha rodoviária construída. Com a ampliação da oferta de serviços urbanos: abastecimento de água, energia elétrica, escolas, atendimento médico, jurídico, etc., a partir dos anos 1950, alcançou um relevante crescimento urbano e comercial.⁸

Aos poucos a cidade tornou-se um pólo comercial e de serviços, atraindo migrantes do campo e de cidades vizinhas, além de uma população móvel, de toda a microrregião, atraída pelo comércio e pelos serviços oferecidos, que influenciaram nos modos de viver urbano. Em 1954, uma matéria intitulada “Cidade em revista”, publicada no jornal local *A Voz das Palmeiras*, denunciava a especulação imobiliária nas áreas centrais da cidade e o início da ocupação de áreas periféricas:

Ninguém nega a beleza e grandeza da extensão da cidade de Santo Antônio de Jesus. São numerosas as suas ruas e bastante edificadas. Contudo, há ainda muitos claros para edificações em muitas de suas ruas, às vezes, as mais centrais. É que os proprietários desses baldios e terrenos não podem ou não querem construir e, ao aparecimento de um candidato, apresentam a idéia de que vão construir a pretexto de impedirem novas construções. E foi assim que forçou o aumento da cidade, por um lado, mas, por outro, obrigou que as novas construções, e temos muitas, fossem edificadas muito afastadas do centro da cidade, deixando neste muitas casas antigas e feias. [...] E passamos a ser a cidade dos muros e das cercas. E na maioria das vezes esses homens se dizem causadores do progresso de Santo Antônio de Jesus. (JORNAL A VOZ DAS PALMEIRAS. ANO I. N. 35 MARÇO DE 1954).

Esse processo de urbanização vivenciado pela cidade impulsionou o desenvolvimento comercial e certamente favoreceu a ascensão da Comercial São Luis, uma vez que a empresa que já comercializava ferramentas, ferragens, utilidades domésticas etc., com a expansão imobiliária e o advento dos serviços de água e energia elétrica, passava a incluir materiais de construção, elétricos, hidráulicos e eletrodomésticos, entre os itens comercializados.

⁸ Sobre o processo de urbanização na cidade de Santo Antonio de Jesus, a partir dos anos 1950, ver: QUADROS, Edilma Oliveira Souza. Transformações na cidade: vivências urbanas em Santo Antônio de Jesus/Ba. (1950-1970). Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local. UNEB (Universidade do Estado da Bahia-CAMPUS V) – Santo Antônio de Jesus-Bahia. 2009.



Praça Padre Matheus, então Praça da feira, 1957. Fonte: IBGE. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=432643>

Essa fotografia, de 1957, traz um panorama da Praça Padre Matheus, onde era realizada a feira-livre da cidade. À direita, aparece a Igreja Matriz, ao centro o mercado onde era comercializada a farinha e outros artigos na feira. À esquerda, é possível identificar-se alguns imóveis comerciais e residenciais, com barracas da feira à frente. A feira funcionava periodicamente em dias específicos da semana, vê-se que a foto foi produzida em um desses dias. Na imagem, é possível se observar o movimento intenso de pessoas e animais de cargas e montaria, que transportavam mercadorias e moradores da zona rural, em meio a caminhões que também faziam esse transporte, provavelmente, de outras cidades. Havia ainda o trem que transportava cargas e passageiros de outras cidades e localidades vizinhas.

De acordo com Hamilton Rodrigues (2018), a princípio as feiras aconteciam apenas aos sábados, mas em 1948 o prefeito Antônio Fraga decidiu ampliar para dois dias de feira. Em 1971, a feira foi deslocada da praça central da cidade para a atual Praça Duque de Caxias, por decreto da administração municipal.⁹ Essas mudanças, certamente, procuravam atender às demandas relacionadas ao desenvolvimento comercial e ao processo da urbanização.

⁹ SANTOS, Hamilton Rodrigues dos. Sementes do tempo, colheitas da vida: cultura e trabalho de feirantes no Recôncavo Baiano – Santo Antônio de Jesus (1950-1970) / Hamilton Rodrigues dos Santos. 2018



Praça padre Matheus, provavelmente anos 1980. Fonte IBGE. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/fotografias/GEBIS%20-%20RJ/ba32655.jpg>

Nessa fotografia da Praça Padre Matheus, dos anos 1980 ou 1990, apesar de focalizar um ângulo diferente da foto anterior, pode-se observar que a feira livre cedeu espaço para um moderno jardim, os animais de carga e montaria acompanharam o deslocamento da feira para a Praça Duque de Caxias, cedendo espaço para as bicicletas e veículos pequenos. Infelizmente, o ângulo da fotografia não permite visualizar os estabelecimentos comerciais, que passaram por reformas e ampliação, além da chegada de novos empreendimentos.

Os dados do censo comercial e demográfico das décadas de 1950 a 1990 corroboram esse processo de urbanização e desenvolvimento comercial na cidade de Santo Antonio de Jesus ao longo da segunda metade do século XX, como se observa a seguir:

Dados do censo demográfico e do comercial (1950-1991)

Censo comercial/ demográfico	1950	1960	1970	1980	1991
Estabelecimentos	311	300	420	826	-----*
Pessoal ocupado	373	447	705	1.933	-----*
População total	29.668	33.468	39.726	51.583	64.198
População urbana/ suburbana	11.836	-----*	21.032	33.741	52.770
População rural	17.829	-----*	18.694*	17.841*	11.428

IBGE: Censos demográfico e comercial 1950 – 1991.

Como se observa na tabela acima, os números de estabelecimentos comerciais e de pessoas ocupadas nessa atividade demonstram uma tendência de crescimento ao longo da segunda metade do século XX, apesar de uma breve oscilação para baixo no quantitativo de estabelecimentos em 1960. Entre as décadas de 1970 e 1980 observa-se uma aceleração dessa atividade, com uma ampliação expressiva no número de estabelecimentos e a quase triplicação do número de pessoas empregadas no setor. Infelizmente, o censo de 1991 não traz uma amostragem relativa aos dados comerciais.

A tabela demonstra ainda que a ampliação da atividade comercial acompanhou o processo de urbanização na segunda metade do século XX, quando se observa um crescimento constante da população urbana em detrimento da rural. Entre as décadas de 1950 e 1990, ocorre quase uma quintuplicação da população urbana. Embora o censo de 1960 não traga esses dados por município, observa-se uma tendência de aceleração da urbanização a partir da década de 1970. Convém ressaltar ainda que, nos censos de 1970 e 1980, a população do distrito de Varzedo, que em seguida seria emancipado, foram incluídos integralmente na população rural, visto que o propósito era analisar a urbanização na cidade de Santo Antonio de Jesus.

Houve, portanto, uma relação de reciprocidade entre o processo de urbanização na cidade e o desenvolvimento comercial da cidade. Um processo favoreceu o outro. A trajetória da Comercial São Luis e as memórias e experiências dos seus empregados constituem, assim, um importante estudo de caso que ajuda a entender/explicar a história do desenvolvimento urbano e comercial da cidade.

1.2 Uma empresa octogenária: origem e ascensão da Comercial São Luis

A Comercial São Luís é uma empresa octogenária, localiza-se no centro da cidade de Santo Antonio de Jesus, no Recôncavo Baiano, tem em sua trajetória histórica uma forte influência no desenvolvimento do comércio local e no Recôncavo-Sul da Bahia. A empresa foi criada no início da década de 1940, momento em que o Brasil encontrava-se no contexto da Segunda Guerra Mundial, enfrentando vários desafios econômicos, embora ainda não estivesse diretamente envolvido no conflito.

A empresa originou-se a partir da Padaria São Luis, criada por Mário Moreira Sampaio. O nome São Luis era uma homenagem ao santo católico, considerado o “Patrono da Juventude”, do qual o pioneiro fundador, o Senhor Mário Moreira Sampaio, era devoto. A imagem original do santo, ainda hoje, continua ocupando um lugar de honra na loja.

Mário Moreira Sampaio teve uma origem modesta, por muitos anos trabalhou num armazém de Guilhermino Oliveira, que era a maior loja da cidade na época, onde adquiriu experiência comercial. Demonstrando atitude e “ousadia” em um contexto adverso, decidiu empreender e ser dono do seu próprio negócio. Nesse início do empreendimento, ele não mediu esforços para expandir seu negócio. Embora o contexto da guerra não fosse favorável, na cidade havia um demanda crescente por outros produtos, além dos pães, como querosene, pregos, ferramentas, utilidades domésticas dentre outros. E sempre havia a sinalização dos

clientes nesse sentido.¹⁰

Aos poucos, o negócio foi crescendo, ampliando sua clientela, e contou com a chegada de um segundo e posteriormente um terceiro sócio, o Senhor Fernando Ferreira e o senhor Gorgônio Antônio de Oliveira, seu cunhado, respectivamente, estes chegaram determinados somar esforços junto ao Senhor Mário Sampaio. E assim, a padaria deu origem a um armazém de secos e molhados, o qual passou a ofertar uma gama de produtos. Sem dúvida, a chegada de seu Gorgônio agregou ainda mais ao negócio, este tornou-se um grande empreendedor, que criou diversas outras empresas na cidade e região. Pode ser considerado um empresário com uma visão à frente de seu tempo.

1.3. A memória fotográfica da empresa

Fundada em 1941, no contexto da Segunda Guerra Mundial, a princípio um pequeno armazém, a Comercial São Luís tornou-se a maior loja de varejo do Recôncavo Baiano. A história da empresa se confunde com o processo de desenvolvimento urbano e comercial da cidade e da própria região.



Foto do armazém São Luis. Acervo da empresa.

¹⁰FONSECA, Juarez. **Santo Antonio de Jesus: A Capital do Recôncavo.** Santo Antonio de Jesus -Ba. Kaizen.2023.

Nesse raro registro fotográfico dos primeiros anos da Comercial São Luis pode-se perceber que se tratava de um típico armazém de pequeno porte (também conhecido como venda) onde eram comercializados variados artigos: bebidas, ferramentas, bacias, etc. Um balcão separa os vendedores e produtos dos clientes, onde se encontra a balança e alguns cartazes afixados na parte inferior. O ângulo escolhido para a foto parece pretender destacar o ambiente da loja e as pessoas conforme a hierarquia ocupada na empresa. À frente o pioneiro fundador Mario Sampaio, seguido do sócio, Fernando Ferreira - ambos se tornaram empresários importantes da cidade - atrás e mais afastado encontra-se o jovem empregado Gilson Leal, que saiu posteriormete da empresa e não logrou êxito sócio-econômico.

Mediante investimento financeiro direto ou através da formação de novos empreendedores entre familiares e ex-funcionários, a Comercial São Luis deu origem a diversas outras empresas que se instalaram em Santo Antonio de Jesus e outras cidades da região: a rede de supermercados Rio Branco, as concessionárias automotivas Veiba, Reconvel e Indiana (esta última na capital), a loja de eletrodomésticos e variedade Cofel, a revendedora de autopeças Salauto, a loja de materias de construção Mapron, a revendedora de pneus Pneubom.

O senhor Carlos Oliveira, um dos primeiros empregados, que se tornou sócio da empresa, entrou na Comercial São Luis em 1954, quando ela ainda era um pequeno armazém, com apenas duas portas, de frente à Praça Padre Mateus onde era realizada a feira livre. Na praça havia a Igreja Matriz e também um barracão onde se comercializava a farinha de mandioca. Ele próprio vendeu farinha na feira, quando era morador da zona rural.¹¹

Nas últimas décadas do século XX, a Comercial São Luis era a maior e mais importante loja varejista de departamentos do Recôncavo Baiano, que se caracterizava pela comercialização de uma variedade de produtos: materias de construção e elétricos, móveis, eletrodomésticos, motores e bombas, papelaria, produtos agropecuários, etc. Sua clientela era proveniente de vários municípios da região e até da capital, Salvador. A empresa possuía uma frota própria de caminhões que, diariamente, fazia a entrega dos produtos vendidos nas diversas cidades atendidas.

¹¹ OLIVEIRA, Carlos, ex-sócio da empresa. Entrevista concedida a Radio Andaia Fm, em comemoração aos 81 anos da Comercial São Luis.



Foto de clientes na fila do caixa, s.d.. Acervo da empresa.

Esse registro fotográfico em preto e branco, provavelmente dos anos 1960 ou 1970, registra o movimento de clientes e empregados no dia-a-dia da empresa. A foto destaca a máquina registradora, a funcionária operadora da máquina e a fila de clientes no caixa de pagamentos e outros em torno do balcão. Talvez tenha sido feita com o propósito de registrar a inauguração da máquina registradora.

O ângulo da imagem não permite captar muita coisa do espaço físico interno da loja, mas além do caixa registrador é possível perceber outras mudanças na estrutura física da empresa, em relação ao primeiro registro fotográfico apresentado nesse texto. Convém ressaltar a presença feminina, minoritária, representada pela operadora do caixa e entre os clientes na fila de pagamento.

Na Comercial São Luis, assim como na maioria das lojas de materiais de construção, elétricos, ferragens, eletrodomésticos e outros artigos “pesados”, a mão de obra feminina era minoritária, o espaço ocupado geralmente estava restrito à operação do caixa registrador, escritórios e apoio. Na referida empresa, algumas eram alocadas em outros departamentos, como o setor de papelaria, utilidades domésticas e móveis. Apesar da ampliação da participação feminina no mercado de trabalho, que vem ocorrendo ao longo do tempo, ainda hoje é possível observar um predomínio masculino em alguns setores ou departamentos comerciais.

Como tem abordado uma recente historiografia¹², essa menor presença feminina no mercado de trabalho e a distinção de cargos, setores e funções entre homens e mulheres

¹² SOUZA, E. A. O. (2012). Mulheres operárias e luta jurídica pela proteção à maternidade em Comarcas do Recôncavo baiano (1943-1949). *Cadernos De Pesquisa Do CDHIS*, 24(2). Disponível em: <https://doi.org/10.14393/cdhis.v24i2.13293>. Acesso em 11 de fev. de 2024.

configuram uma questão de gênero, associada a uma cultura patriarcal que historicamente procura determinar e delimitar os papéis masculinos e femininos na sociedade.

Nas décadas de 1980 e 1990, a empresa possuía cerca de uma centena de empregados distribuídos em seus diversos setores: vendas, depósitos, escritório, entrega, motoristas, apoio e segurança. Representava, assim, uma importante alternativa de emprego para muitos trabalhadores da cidade e de outros municípios vizinhos.



Foto dos empregados na frente da loja, em comemoração ao cinquentenário da empresa (1991). Acervo da empresa.

Essa fotografia, colorida, representa um registro oficial pela celebração do cinquentenário, em 1991, com o propósito de publicidade e também como registro de memória. Realizada antes do início do expediente, a imagem focaliza a fachada moderna e imponente do prédio enorme, de três pavimentos, em concreto e vidros, com destaque para o nome da empresa em letras garrafais, seguido do número do telefone, juntamente com o quadro de empregados com as mulheres à frente. Embora o ângulo e o foco da imagem não permitam quantificar visualmente o número exato de empregados que aparecem na fotografia, mas é possível mensurar em cerca de 70 pessoas, com predomínio masculino. Na imagem, pode-se identificar pouco mais de uma dezena de mulheres, entre os empregados.

Certamente, esse número não corresponde à totalidade de empregados da empresa, visto que os motoristas e ajudantes, assim como os vendedores externos (ou representantes comerciais) da empresa podiam estar viajando, já que se tratava de um dia normal de trabalho. Também é possível que alguns empregados não tenham chegado a tempo de participar da fotografia.

2. MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DOS EMPREGADOS DA COMERCIAL SÃO LUÍS

Neste capítulo serão apresentados os resultados obtidos a partir das entrevistas com os trabalhadores, a investigação foi realizada com trabalhadores da Comercial São Luís no município de Santo Antônio de Jesus-Ba. Para desenvolver a pesquisa foi mantido um diálogo com a equipe de trabalhadores da empresa, momento em que foi questionado sobre suas origens, perfil social e ingresso no emprego. Através das falas foi possível captar a representação da empresa na memória dos antigos empregados, como também as condições de trabalho e salários na empresa. Outros pontos também foram abordados como as relações verticais e horizontais no ambiente de trabalho e para além desse ambiente.

As memórias dos antigos empregados da Comercial São Luís são constituídas por lembranças e esquecimentos, por se tratar de um grupo razoavelmente pequeno de trabalhadores, com laços sociais e identidades definidas, contribuem para a constituição de uma memória coletiva e merecem um tratamento igual ao concedido a outras fontes na construção do conhecimento histórico. Como afirma Portelli:

assim como ocorre com todas as outras fontes, a tarefa do historiador reside em fazer o cruzamento das informações, checando cada narrativa contra outras narrativas e outros tipos de fontes. Em segundo lugar, e mais importante os trabalhos em História oral mais avançados criticamente e mais conscientes metodologicamente reorientam essa questão: o que faz com que as fontes orais sejam importantes e fascinantes é precisamente o fato de que elas não recordam passivamente os fatos, mas elaboram a partir deles e criam significado através do trabalho de memória e do filtro da linguagem. (2016:17-18).

Desse modo, as fontes orais foram utilizadas para a produção do presente trabalho de pesquisa, juntamente com as outras fontes: escritas, fotográficas, documentais, sem o propósito de hierarquizar a importância de cada fonte. Mas, buscando reconhecer a importância dos trabalhadores como protagonistas da história recente.

2.1 Origens, perfil social e ingresso no emprego

Como vimos, durante a segunda metade do século XX, a cidade de Santo Antonio de Jesus passava por processo de urbanização, acompanhada por uma ampliação dos setores comercial e de serviços. O desenvolvimento destes setores econômicos juntamente com as obras públicas e a construção civil eram importantes atrativos para migrantes da zona rural e

de municípios circunvizinhos em busca de emprego. Nas duas últimas décadas do século passado essas eram as origens de muitos dos empregados da Comercial São Luis, além de jovens moradores de bairros periféricos da própria cidade.

Eliomar José já trabalha há mais de 40 anos na Comercial São Luis, atuando nos setores de depósito, empacotamento e como balconista. Entrou na empresa em 1982, se aposentou e ainda permanece trabalhando no setor de compras, como comprador de material de construção. Nascido numa comunidade bastante conhecida da zona rural de Santo Antônio de Jesus, chamada de Vila Bonfim, também conhecida como Vila São João, filho de uma família muito humilde, perdeu o pai aos quatro anos de idade, ficando a mãe viúva com cinco filhos. Foi então levado pelo avô para morar com ele na cidade de Santo Antônio de Jesus permanecendo com os avós dos quatro até os treze anos de idade.

Na cidade, começou os estudos aos seis anos de idade. Mas, em um determinado dia, decidiu voltar a morar com a mãe na zona rural. Com essa mudança teve que interromper os estudos e ficou por um período de cinco a seis anos sem estudar. O mesmo relatou que a mãe sempre o incentivava a voltar aos estudos, mas que sempre tinha uma resistência em relação a estudar.

Conforme rememora, quando completou 18 anos de idade, seu avô o convidou para que fosse morar novamente com ele, na cidade, pois já estava na hora de arrumar um emprego. Foi então que começou a procurar emprego, conseguindo o seu primeiro emprego numa empresa que tinha acabado de chegar à cidade, chamada Sírios Engenharia, que havia sido contratada pelo governo estadual, para a construção do ginásio de esportes e o complexo policial. Nessa época, decidiu voltar aos estudos.

Nessa firma, trabalhou como auxiliar de almoxarifado e foi adquirindo mais experiência, sobretudo na área de compras, sempre fazendo orçamento na comercial São Luis. Nesse período, fez amizade com algumas pessoas da Comercial São Luis. Algum tempo depois, a firma onde trabalhava estava prestes a ir para outra cidade e, ao comentar com um dos sócios da São Luis, conhecido como Birro, foi convidado para trabalhar nessa empresa.

Edinaldo Souza trabalhou durante quase sete anos na Comercial São Luis, no período entre 1987 a 1993, atuando como balconista e nos setores de empacotamento de mercadorias e de compras. Conseguiu o emprego por intermédio de um primo, também nascido na zona rural de Dom Macedo Costa, que havia trabalhado na empresa e falou com o gerente Manoel Andrade, para conseguir a vaga.

Edinaldo também começou a trabalhar cedo, com 15 ou 16 anos. Primeiro trabalhou em um armazém, uma mercearia e uma lanchonete na feira livre, sem carteira assinada, pois

era menor de idade. Ao completar 18 anos, entrou para a Comercial São Luís. Sobre como conseguiu o emprego na empresa, rememora:

Eu entrei pra trabalhar na São Luís, acho que muita gente na minha época era dessa forma, era através de algum conhecido, ou que trabalhava lá ou conhecia alguém que trabalhava. No meu caso foi um primo meu, que hoje é meu compadre, que ele trabalhava na São Luís, mas já tinha saído de lá, mas tinha conhecimento com alguns dos gerentes da loja, mais com Andrade, e através dele conseguiu que eu fizesse um teste lá, aí eu fiz e a partir desse teste eu fui chamado, e comecei trabalhar.

Edinaldo nasceu na zona rural de Dom Macedo Costa, numa localidade chamada Jacarandá. Ainda adolescente foi morar na cidade de Dom Macedo e, depois, em Santo Antônio de Jesus para dar continuidade aos estudos, pois na zona rural só tinha escola primária na época. Foi sua mãe quem tomou a iniciativa de levar os filhos para estudar na cidade, enquanto seu pai ficou na roça trabalhando, só vendo a família no final de semana.

Conforme rememora, a mãe trabalhava na limpeza da escola e ajudava na distribuição da merenda. Seu pai tinha uma vendinha, de beira de estrada, onde o pessoal se reunia no final da tarde para poder jogar uma sinuca ou dominó, alguns bebiam, proseavam bastante. Em relação aos estudos, o entrevistado pontuou que, enquanto trabalhava na Comercial São Luis, concluiu o ensino médio no turno noturno, depois prestou vestibular para o curso Licenciatura Curta em Estudos Sociais, na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), que concluiu em 1992. No ano seguinte, foi aprovado em concurso público para professor do ensino básico na Secretaria de Educação do Estado da Bahia. Em 1993, pediu demissão da Comercial São Luis e assumiu o cargo de professor na rede estadual de ensino. Fez Especialização em História na Universidade Estadual de Feira de Santana, Mestrado e Doutorado pela UFBA. Atualmente é professor da Uneb em Santo Antonio de Jesus.

A motivação para estudar durante à noite, após trabalhar durante o dia, em pé no balcão do comércio, era a intenção de “sair da rotina de trabalho no comércio que é muito cansativo”. A este respeito, assinala: “Eu sempre fui uma pessoa de pensar um pouco a frente, de galgar alguma coisa a mais, é uma metáfora que costumo usar, segurar uma mão onde você tá hoje, deixar a outra pra tentar pegar adiante.”

Manoel Félix trabalha na São Luís há 37 anos, entrou em 1986, e até hoje permanece trabalhando na expedição da empresa. Ele nasceu numa localidade rural conhecida como Bonfim, no município de Santo Antonio de Jesus, e veio morar na cidade aos 8 anos de idade. Sua mãe trabalhava no lar e o pai sempre trabalhou como pedreiro, “construiu muitas casas lá e continuou a construir aqui na cidade também”. Conforme nos relatou: “meus pais saíram da

zona rural e decidiram vim morar na cidade, pois com o falecimento do meu vô, foi dividida a herança, e com isso cada um dos irmãos foi vendendo suas propriedades. E eu acho que foi a melhor coisa que fizeram, e eu nem sei se eu voltaria a viver lá, foi uma mudança muito grande”. Provavelmente, com a divisão do sitio deixado pelo pai, a gleba de terra que coube a cada filho era insuficiente para prover o sustento das respectivas famílias. Certamente, o domínio da profissão de pedreiro pelo pai ajudou e sustentar a família, garantiu a sobrevivência e a adaptação na cidade.

Manoel pontuou que desde a época em que morava na zona rural ele já estudava e que efetuava o extenso trajeto da casa para escola andando. Na cidade, o contexto foi melhor, pois “era tudo diferente, a escola ficava perto, outra realidade. Continuei os meus estudos e conclui o 2º grau”. Antes de começar a trabalhar na Comercial São Luis, Manoel trabalhava numa lanchonete. Sobre o ingresso na empresa, ele nos informa:

Eu fui umas três vezes tentar uma vaga lá, mas não consegui. Mas sempre fiquei na expectativa, não desisti facilmente, porque meu objetivo era trabalhar nessa empresa. Num determinado dia, chegou um colega meu comentando no meu trabalho que surgiu uma vaga na lanchonete da São Luis, e pediu que eu fosse lá e dissesse que foi indicação dele. Eu fui e conversei com Marito [diretor da empresa], e já sair de lá com tudo certo para começar a trabalhar, só pedi um tempo mesmo para que o meu patrão arrumasse outra pessoa para colocar no meu lugar.

E assim, cinco dias depois, numa quarta-feira ele deu início à sua jornada de quase quatro décadas de trabalho na Comercial São Luís, onde continua até hoje.

Mas nem todos os empregados vieram da zona rural. Antes de trabalhar na Comercial São Luis, Antônio Mendes Alvaia residia em Salvador, na capital baiana. O mesmo relatou que, por conta do falecimento do pai, quando ainda tinha oito anos de idade, foi morar em Santo Antônio de Jesus com mãe e os irmãos, porque a família dele era da cidade. Alvaia entrou para a empresa, através do gerente Manoel Andrade, que o conhecia desde pequeno. Segundo rememora: “aí fiz o teste, que ele levou para o pessoal lá no escritório, analisaram e me chamaram para trabalhar”. Trabalhou de 1984 até 2011, somando 27 anos de trabalho de emprego, atuando nos setores de depósito, empacotamento de mercadorias e vendas.

Segundo relatou, a família sempre foi humilde, seu pai era mecânico de navio, mas “ele era uma pessoa que fazia tudo, se aparecesse algum serviço na casa de algum vizinho ele ia fazer”. Com a morte do pai, sua mãe ficou viúva aos 36 anos de idade, com quatro filhos para criar sozinha, sendo que ele era o irmão mais velho. A família ficou em situação difícil, pois sua mãe era “dona de casa”, não tinha emprego nem condição para sustentar, sozinha, os

filhos. Foi então que um tio solteiro, irmão dela, os chamou para morar com ele, criando os sobrinhos como um pai. Em Santo Antônio de Jesus ele continuou os estudos, até concluir o ensino médio, como técnico em patologia clínica, depois de um tempo se formou como técnico em segurança do trabalho. Alvaia foi desligado da empresa no penúltimo ano antes da aposentadoria. Hoje, ele tem um pequeno bar, junto à sua própria casa.

Antônio Marcos foi o único entrevistado que nasceu e sempre residiu na cidade de Santo Antonio de Jesus, na Rua Justiniano Rocha Galvão, antiga rua da cancela. Além dos seus pais, eram ele e mais cinco irmãos, uma “família simples”. Segundo relatou, o pai trabalhava como mestre de obras, “começou a trabalhar cedo aos 10 anos de idade, e sempre trabalhou nessa área, sempre batalhou para colocar o pão dentro de casa, nunca deixou a gente passar necessidade”. Ele também começou a trabalhar cedo, aos quinze anos de idade, numa oficina. Antes de trabalhar na São Luís, ele já trabalhava numa empresa de material de construção. Conseguiu concluir o ensino médio, trabalhando durante o dia e estudando à noite. Começou a trabalhar na Comercial São Luís em meados de 1989 e permaneceu até 1992. Sobre o ingresso na empresa, ele rememora:

fui lá na loja conversar com Alyrio [um dos gerentes da empresa] umas duas vezes, para conseguir uma vaga. Onde eu estava, já tinha sete anos, só que eu ganhava muito pouco. Tive a necessidade de procurar um lugar melhor, e sempre apreciava a São Luís assim como uma “escolinha”, eu passava ali, e dizia eu tenho uma vontade de trabalhar na São Luis. E aí como eu já tinha falado com Alyrio, e como ele já tinha muito conhecimento com a minha família, meu pai. E tinha também Zezeu que trabalhava lá na época, e com isso Alyrio comentou com ele que eu estava na empresa Sampaio, mas estava querendo sair de lá, e perguntou se me conhecia e o mesmo afirmou que sim. Com isso fui lá e fiz um teste rápido, uns 10 minutos vendendo e ele observando; gostou da forma que eu atendia e já sai de lá com tudo certo para começar a trabalhar. E foi tudo rápido, no início do mês seguinte iniciei meu trabalho na São Luis.

Conforme relatou, embora tenha partido dele próprio a iniciativa de procurar um gerente para pedir o emprego, os conhecimentos que seu pai possuía na empresa, como mestre de obras, e as referências positivas informadas por um empregado que o conhecia favoreceram a contratação.

As memórias dos trabalhadores nos remetem a um quadro de dificuldades econômicas, persistência e resiliência nas suas trajetórias. Ao mesmo tempo, se sobressaem a importância das redes de solidariedade familiar e a força das mulheres, mães na busca de alternativas para prover o sustento e a educação dos filhos, em face da precoce perda da figura paterna ou das

condições sociais do casal e da falta de alternativas nos locais de origens. Se sobressai ainda a gratidão que guardam de familiares que, em certa medida, assumiram a condição paterna.

As memórias de Eliomar, Edinaldo, Manoel Félix e Alvaia são bastante representativas das origens da maioria dos empregados da Comercial São Luís, filhos de famílias da classe trabalhadora, nascidos na zona rural do próprio município e de municípios circunvizinhos ou, ainda, de outras cidades, que migravam para a cidade de Santo Antônio de Jesus em busca de oportunidades de emprego e de estudos, num contexto de crescimento urbano e desenvolvimento comercial da cidade. Outro aspecto que se sobressai dessas memórias, é a forma de ingresso no emprego, que geralmente ocorria através de contatos estabelecidos com algum gerente da empresa ou intermediadas por antigos e ex-funcionários e até por clientes com quem o trabalhador possuía relações de amizade ou parentesco.

A partir dos relatos dos entrevistados, podemos perceber a importância das memórias produzidas através da fonte oral, na medida em que, cada entrevistado carrega uma trajetória de vida que precede o adentrar na Comercial São Luis na condição de empregado. Além disso, como pontua Porttelli (2016, p.9) “O uso da história oral permite, através de fontes orais, usar narrativas individuais, informais, dialógicas, criadas no encontro entre historiador e narrador”, que possibilita acessar aspectos íntimos, particularidades e experiências sociais, por muito tempo, negligenciados pelas abordagens estruturalistas e deterministas, apoiadas em modelos teóricos abstratos.

Através dos relatos dos trabalhadores pode-se perceber que as relações sociais de amizade, parentesco ou simplesmente de conhecimento cultivadas com empregados, gerentes ou sócios ou alguém com trânsito na empresa compunham o universo de estratégias mobilizadas por eles para ingresso na empresa.

2.2. A representação da empresa na memória de antigos empregados

Nas falas dos antigos empregados, é possível captar uma representação positiva a cerca da Comercial São Luís. Seja pelo prestígio que a empresa possuía na cidade e região, pela pontualidade no pagamento dos salários, cumprimento dos direitos básicos trabalhistas, o emprego na Comercial São Luís era almejado entre os trabalhadores locais. Apesar dos salários não serem altos, geralmente eram superiores ao que era pago pela maioria das empresas na cidade, que raramente ultrapassava o salário mínimo. Além disso, o emprego na empresa garantia certo prestígio e facilidade de crédito no comércio da cidade, também proporcionava conhecimentos que poderiam abrir outras oportunidades de trabalho.

Conforme Morigi e Bonotto, “[...] a informação tem inscrito em si um percentual de afetividade e subjetividade, o que confere a ela um caráter subjetivo e afetivo, impedindo que tenha um caráter exclusivamente imparcial, isento e objetivo”.¹³. Portanto, nas memórias dos antigos empregados da Comercial São Luis também está presente uma dimensão afetiva na representação positiva que constroem da empresa. Isso não impede que eles, certas vezes, manifestem descontentamentos, insatisfações e desentendimentos ou conflitos nas relações de trabalho.

Eliomar José afirma que tinha consciência da importância da Comercial São Luis, de que era uma empresa “conceituada no mercado, que estava em evidência, em crescimento no mercado”. Contudo, Eliomar relatou que existiram algumas situações que o levaram a pensar em sair da empresa, dentre elas a sobrecarga de trabalho, e a competição do chefe do depósito em relação ao trabalho dele, algo que trouxe desconforto, mas acabou permanecendo até a aposentadoria. Enquanto trabalhava na empresa, concluiu o segundo grau, pois focou no seu objetivo de concluir os estudos, trabalhando durante o dia e estudando à noite.

Em suas memórias, Manoel dos Santos também corrobora com essa representação da empresa, afirmando que “era uma empresa bastante organizada, voltada para o lado familiar, uma empresa que se preocupava muito com o bem estar dos funcionários, sempre buscava o melhor conforto para o cliente, os melhores preços, qualidade nas mercadorias”. Nascido na localidade rural, chamada Tabocal, ele começou a trabalhar na Comercial São Luis em 1989 e ainda continua trabalhando na empresa como chefe de depósito.

Manoel Félix e Antônio Marcos também guardam uma memória afetiva positiva da empresa. Manoel considera a Comercial São Luis uma empresa conceituada, sólida no mercado, uma grande referência. Antonio Marcos afirma que sempre “apreciava” a São Luís e considerava como uma “escolinha” e que, quando passava em frente à loja, dizia; “eu tenho uma vontade de trabalhar ali”. No caso desse último entrevistado, aconteceu algo inusitado, pois o mesmo voltou a trabalhar na Comercial São Luis, após cerca de 30 anos depois que saiu da empresa, mais precisamente em agosto do ano de 2023. Certamente essas representações, que constituem uma memória afetiva, guardam relação com as condições

¹³ MORIGI, Valdir José; BONOTTO, Martha E. K. Kling. A narrativa musical, memória e fonte de informação afetiva. Em *Questão*, v. 10, n. 1, p.143-161, jan./jun. 2004. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/88/47>. Acesso em: 6 fev. 2024.

proporcionadas pelo emprego na empresa; pontualidade no pagamento dos salários, cumprimento dos direitos básicos trabalhistas, certo prestígio e facilidade de crédito no comércio da cidade e conhecimentos que poderiam abrir outras oportunidades para o empregado. Os salários apesar de não serem altos, estavam acima do que era pago pela maioria das empresas da cidade, que raramente era superior ao salário mínimo.

2.3. As condições de trabalho e salários na empresa

Questionado sobre as condições de trabalho na época, Edinaldo Souza respondeu que a carga horária era maior do que é hoje, pois começava a trabalhar às 8 horas, só tinha uma hora de almoço e saía às 18 horas. Em tempos de festas como no período de festa natalina, junina, chegava um pouco mais cedo ficava até mais tarde, a carga horária se “estendia até às 19 ou 20 horas da noite”. Em relação ao salário, ele relatou que “não era grande, mas se você comparasse com a média da cidade, o salário na São Luís não era dos piores, estava um pouco acima da média de um modo geral”.

Conforme a última alteração salarial constante na sua carteira de trabalho, de 01 de agosto de 1993, o valor do último salário recebido pelo entrevistado na Comercial São Luís foi de 8.590 cruzeiros reais, quando ele já havia sido promovido para o escritório de compras. Esse valor correspondia a pouco mais de um e meio salário mínimo.¹⁴ Os salários podiam variar conforme a função dos empregados, avaliação de desempenho e premiações por produtividade. Contudo, convém ressaltar que, na época, predominavam altos índices inflacionários que corroíam rapidamente o poder de compra do salário, tanto assim que, setembro daquele ano, quando Edinaldo já havia saído da empresa, o valor do salário mínimo foi corrigido para 9.606 cruzeiros reais.

Já Manoel Félix pontuou que as condições de trabalho eram ótimas, eram quatro pessoas no setor, a mão-de-obra era dividida entre eles, segundo o mesmo, não sobrecarregava ninguém. Em relação ao salário, era até além do que esperava, portanto não tinha do que reclamar, estava muito satisfeito.

Outro entrevistado, Manoel de Jesus lembrou que teve uma situação que o levou a pensar em sair da empresa, pois segundo o mesmo o salário era muito pouco, e quando teve filho a despesa aumentou. Achou até outro emprego, mas acabou desistindo porque lá ganharia apenas um salário, portanto não compensaria já que ganhava um pouco mais que um

¹⁴ O valor do SM em agosto de 1993 era de 5.553 cruzeiros reais.

salário. Nascido numa comunidade bastante conhecida da zona rural de Santo Antonio, chamada Mingau, ele começou a trabalhar na Comercial São Luis em 1984 e ainda continua trabalhando na empresa como vendedor de material de construção. Como se sabe, a noção de valor é sempre relativa, portanto, o ponto de vista de cada empregado a respeito dos salários recebidos, além de levar em conta o poder de compra, em alguma medida, pode refletir as expectativas pessoais, as trajetórias de vida e os padrões de renda e consumo que posteriormente conquistou. Ademais, como indicam diversos estudos a memória é seletiva, pode comportar esquecimentos, silenciamentos e escolhas diante de certas situações vivenciadas individual e coletivamente pelo entrevistado (POLLAK, 1989; THOMPSON, 2002; HALBWACHS, 1990).

De todo modo, como foi dito antes, havia outros atrativos na empresa: pontualidade no pagamento dos salários, cumprimento dos direitos básicos trabalhistas, certo prestígio e facilidade de crédito no comércio da cidade e conhecimentos que poderiam abrir outras oportunidades para o empregado. As memórias e trajetórias dos antigos empregados apontam ainda para a longevidade das relações de trabalho na empresa, não havendo uma rotatividade frequente da mão de obra. Era comum o vínculo durar por mais de uma década e, até mesmo, o empregado se aposentar na empresa, o que representava uma relativa estabilidade para os trabalhadores.

2.4 As relações verticais e horizontais no ambiente de trabalho

Nas décadas de 1980 e 1990, a Comercial São Luís ainda não possuía um sistema de gestão completamente moderno, empresarial, técnico e racional. Havia certo distanciamento entre o diretor geral e os empregados, no dia a dia essa relação era intermediada pela presença dos gerentes, sócios minoritários, geralmente recrutados no próprio quadro de funcionários. Havia, portanto, uma relação de proximidade, sobretudo, com os gerentes de vendas, Andrade, Zezito e Alírio. Em contrapartida, Galvão, o gerente de compras, tinha um perfil mais técnico, empresarial e racional.

Certamente, os empregados sabiam selecionar entre os gerentes aqueles que eram mais acessíveis e receptivos às suas demandas. Nesse sentido, os entrevistados destacam a figura do Manoel Andrade, conhecido como Manelito, como o gerente mais acessível e receptivo às demandas dos empregados. Aquele de perfil mais paternalista, menos técnico e empresarial, que tinha dificuldade em dizer um não.

Antonio Alvaia relata que tinha uma relação muito boa com todos, exceto Galvão, porque sempre pegava no pé. Conforme rememora, era com Andrade que ele tinha mais afinidade, “porque era aquele que resolvia, ele não ficava sem resolver nada”. Era também “aquele que ficava mais próximo não só dos clientes, como da gente funcionário, muitas vezes, respondia até pela gente”. Quando um empregado tinha algum problema, “chegava para ele e conversava que estava precisando de um vale, por exemplo, ele ia lá e fazia, era como um pai mesmo”, acrescenta.

Edinaldo Souza rememora que o aniversário de Manelito era um evento celebrado entre os empregados, no quintal da sua casa, localizada num bairro periférico da cidade. Ali, todos tinham acesso às cervejas e refrigerantes na geladeira e uma panela enorme de dobradinha ou sarapatel em cima do fogão. O presente do aniversariante era comprado coletivamente pelos empregados. Certas vezes, era algum objeto que não tinham em suas próprias casas. Além da questão afetiva e festiva, o momento também era de reciprocidade, representava uma oportunidade dos empregados manifestarem o reconhecimento pelo tratamento recebido do chefe e de cultivarem essa relação.

Porém, como ocorre em toda relação trabalhista, também havia tensões e insatisfações na relação dos empregados com a administração da empresa. Uma situação bem ilustrativa dessas tensões foi a que motivou a saída de Antonio Mendes Alvaia da empresa, faltando pouco tempo para a aposentadoria. Conforme relatou, ele próprio pediu para sair da empresa, apesar de ter sido desaconselhado a fazê-lo. O motivo teria sido um descontentamento pela falta de autonomia para a negociação com clientes, na condição de supervisor de vendas. Nas palavras do depoente:

Eu tinha ido para ser supervisor de vendas e eu gostava de fazer o meu trabalho [...] naquele tempo não tinha essa coisa de dar desconto, agente era supervisor de vendas, mas não tinha autoridade, era limitado, se passasse daquela porcentagem, era chamada a atenção, e os vendedores comentavam que era ruim de negociar com o cliente, aí eu me senti mal e pedi para voltar para o depósito novamente.

O desligamento de emprego faltando tão pouco tempo para a aposentadoria, indica que houve um grave desentendimento com a direção ou a gerência da empresa, algo que não foi tolerado pelo empregado. Portanto, a circunstância que motivou a demissão pode ter resultado de alguma mudança na direção e gerência da empresa com possíveis implicações na relação com os empregados, causando o descontentamento que levou ao pedido de demissão.

Outras evidências das tensões cotidianas nas relações de trabalho encontram-se nas

memórias de Eliomar José, quando se refere a desentendimentos com um chefe de setor e outro que era mal quisto ente os colegas e também aos motivos que o levaram a pensar em sair da empresa. Conforme explicou, a sua promoção a um cargo superior causou insatisfação e rivalidade por parte do chefe do depósito onde trabalhava, que acabou demitido da empresa.

Em outro depósito, para onde foi transferido posteriormente, havia o comentário de que o chefe era muito rígido e ninguém conseguia trabalhar com ele, por isso sempre tinham novos empregados trabalhando naquele setor. Contudo, considera que foi tranquilo trabalhar com esse chefe, porque “o que ele queria, eram pessoas que fossem ágeis, gostassem de trabalhar e não gostasse de ficar encostado, conversando”. Nesses casos, os desentendimentos foram com colegas de trabalho, que ocupavam a função de chefes de setores.

Em outro trecho da entrevista, ele fala de uma insatisfação com a direção da empresa que o levou a pensar em sair do emprego. O fato se deu após a criação de um centro de distribuição, para o qual ele foi novamente transferido e chegou a assumir a gerência do setor. Depois de passar um período naquele setor, ele decidiu que queria voltar para loja e ter uma nova experiência, agora na área de vendas. Mas seu pedido foi negado pela direção da empresa, pois não tinha outra pessoa para substituí-lo no setor. Insatisfeito, chegou a pedir o desligamento da empresa, mas não foi efetivada. Somente “depois de seis meses de espera, ele conseguiu a transferência e passou a vivenciar um novo desafio no processo de crescimento profissional”.

Na época, a empresa premiava os vendedores que alcançassem o maior volume de vendas e de clientes atendidos, tinha prêmios para aquele que mais vendia e o que melhor atendia, e por várias vezes ele foi premiado. Provavelmente, esse era o motivo do pedido de transferência de setor por Eliomar. Por outro lado, o sistema de premiação também era um fator de disputa e tensão entre os vendedores.

Manoel Félix, também rememora que nas relações entre os empregados sempre existia alguma rivalidade, citando como exemplo:

quando se tem já um cargo de liderança, onde já se tem a função de comandar, por que aquele que está subordinado, acha que está querendo ser patrão, e querer subir nas costas de alguém, ou seja, querer crescer em cima do trabalho do outro. Na realidade eu queria fazer o meu trabalho e também queria que alguém fizesse o seu”. Então isso criava um certo conflito, mas sempre procurei viver em paz com todos, nunca fiz inimigos, mas já teve casos de ter que ser mais rígido e cobrar, uma vez que se eu não cobrasse, eu seria cobrado pelo meu superior.

Conforme se depreende, os casos citados por Eliomar e Manoel Félix, evidenciam a existência de ciúmes, disputas, desobediência e abusos de poder nas relações e resistências

entre os empregados e as chefias imediatas de setores, exercidas por colegas de trabalho. Nesses casos, tratam-se de pequenas tensões cotidianas, envolvendo a relação com colegas de trabalho e com a gerência da empresa, que não tiveram maiores consequências ou desdobramentos, exceto a demissão do chefe do setor que tentou retaliar a sua promoção

Mas, os empregados entrevistados também fazem referência a processos trabalhistas na Justiça do Trabalho e à procura do sindicato dos trabalhadores do comércio de Santo Antonio de Jesus por alguns empregados para a mediação de conflitos trabalhistas com a empresa. Embora, não pareçam ter sido tão frequentes esses casos.

O entrevistado Manoel de Jesus rememora um caso que aconteceu na empresa com um funcionário que transportava vidro, na época em que a empresa comercializava esse produto. Um dia o carro tombou e as lâminas de vidro não estavam devidamente amarradas, caindo em cima de um empregado que cortou bastante a perna e quase que morria. A empresa ficou chateada com a situação e, algum tempo depois, demitiu os dois empregados envolvidos no acidente. Um deles procurou o sindicato e “questionou que nem chegou a se recuperar direito e o demitiram”, e que ele tinha a fama “de que era problemático mesmo”. Dai, “o sindicato entrou na situação e o ajudou muito, a empresa teve que ficar pagando, por um certo tempo,” uma indenização ao empregado.

Ao longo do período estudado, alguns empregados da Comercial São Luís participaram da diretoria do sindicato, dentre eles, Edinaldo, Alvaia, Salvador Silva, José Alegria, Ademir. Além desses diretores, alguns outros eram sindicalizados. Eliomar e Manoel Félix afirmaram conhecerem o órgão classista e saberem da importância dos sindicatos. Manoel, inclusive, pontua que já se afiliou ao Sindicato dos Comerciários, pois considera que é, sem dúvidas, um órgão fundamental “para que o comércio gire bem, para que as empresas cuidem dos seus colaboradores, cumprindo com as regras, pagamentos em dia, com os devidos tributos, uma vez que existem algumas empresas que não cumprem 100%” e que o sindicato existe “justamente para regular e conduzir da melhor forma possível” essa relação.

Manoel Félix faz questão de ressaltar que sempre manteve uma relação harmoniosa com a empresa e nunca precisou acionar o sindicato: “mais uma vez reitero que sou afiliado, mas nunca tive necessidade de recorrer para resolver alguma situação”. No entanto, disse conhecer pessoas que já procuraram o apoio do órgão classista, cita um amigo que trabalhava em outra empresa, que “decidiu fazer uma denúncia ao sindicato, alegando que as férias do primeiro ano não foram recebidas”, e que a empresa foi autuada por conta disso.

Como em qualquer empresa, entre os empregados da Comercial São Luís havia relações de amizade, parentesco, solidariedade, companheirismo, brincadeiras e até namoros e

casamentos. Mas havia também rivalidade, competição, tensões e conflitos que eram incentivados pelas diferenças de funções e salários, disputas por premiação, diferenças culturais e ideológicas e até por brincadeiras. Edinaldo relembra de uma briga entre dois balconistas, por conta de um apelido atribuído a um deles, em referência a um personagem de novela da Rede Globo, que resultou na demissão dos dois colegas.

2.5. Para além do ambiente de trabalho

Manoel Félix aponta que o momento que mais marcou sua trajetória na Comercial São Luis, foi quando a empresa completou 50 anos. Relata que foi promovida uma grande festa, e que a empresa “conseguiu ajudar praticamente todos os colaboradores, aqueles que não tinham uma casa, ajudou a construir, os que trabalhavam mais distantes, contribuiu de alguma forma para que adquirisse uma bicicleta, a fim de facilitar o acesso ao trabalho”.

Manoel dos Santos considera como o momento que mais lhe marcou na empresa, a realização de “uma confraternização, acho que foi nos 60 anos da empresa, onde nós podemos levar os nossos familiares, e essa atitude me marcou muito, então ela foi muito humana em convidar nossa família para estar conosco na confraternização”. Talvez esteja se referindo à comemoração do cinquentenário da empresa, rememorada por Manoel Félix.

Edinaldo Souza também rememora a comemoração do cinquentenário da empresa e que foram promovidas, de fato, algumas ações em benefício dos empregados, mas que não foram todos beneficiados, pois, na época a São Luis possuía quase uma centena de empregados. Talvez tenha havido algum exagero retórico na fala de Manoel, provavelmente em consequência da memória afetiva que cultiva da empresa.

Os momentos que mais marcaram a memória de Edinaldo foram às confraternizações que havia de fim de ano, pois era o momento em que os empregados dos vários setores se reuniam, e as comemorações do aniversário de Andrade, pelo significado simbólico que traduzia, além dos torneios de futebol promovidos pela empresa, que ocorriam no ginásio de esportes, com o sorteio de prêmios para as torcidas. Conforme justifica, eram momentos leves, de lazer, celebração, fora do ambiente e do cotidiano pesado de trabalho.

Em contrapartida, a lembrança que marcou Manoel Félix representa uma “memória traumática”, foi o momento em que sofreu um infarto e teve que se afastar da empresa, mas pontua que a empresa deu todo o suporte nesse sentido.

As memórias dos trabalhadores reforçam, assim, o entendimento de que a história social do trabalho não deve se ater apenas aos grandes centros urbanos, às grandes fábricas, ao

movimento sindical, às greves e partidos operários, pois devem contemplar as múltiplas experiências dos trabalhadores, o cotidiano do trabalho, a vida fora do local de trabalho, o lazer, a cultura e as suas visões de mundo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da Comercial São Luis, a partir das memórias de antigos empregados, representa um importante estudo de caso para se compreender o processo de desenvolvimento urbano e comercial de Santo Antonio de Jesus e do Recôncavo Baiano, mas também representa mais uma contribuição para a historiografia brasileira, ao dar visibilidade às experiências de um grupo de trabalhadores, os empregados do comércio, em uma cidade de pequeno ou médio porte, do interior do estado. Sujeitos que foram, por muito tempo, negligenciados pela história tradicional e pelas abordagens mecanicistas e deterministas, baseadas em modelos teóricos abstratos, como o estruturalismo e o marxismo.

O presente estudo evidencia a importância da experiência dos trabalhadores na construção da memória e da história social dos processos de urbanização e do desenvolvimento comercial em pequenas e médias cidades do interior. Além disso, representa um importante registro de memórias de uma empresa octogenária que teve um papel importante no desenvolvimento do comércio de Santo Antônio de Jesus e de outras cidades do Recôncavo Baiano, considerada a maior loja varejista da região.

O processo de urbanização vivenciado pela cidade certamente impulsionou o desenvolvimento comercial e favoreceu a ascensão da Comercial São Luis, uma vez que a empresa, que já comercializava vários produtos, com o advento de novos serviços urbanos passava a incluir outros materiais entre os itens comercializados. Assim, percebe-se, uma relação de reciprocidade entre o processo de urbanização na cidade e o desenvolvimento comercial, na qual um favoreceu o outro.

Através das memórias dos trabalhadores foi possível perceber um quadro de dificuldades econômicas, e ao mesmo tempo persistências nas suas trajetórias. Nesse sentido, convém destacar as redes de solidariedade familiar e a determinação das mulheres, mães na busca de prover o sustento familiar, em face da ausência da figura paterna, ou junto a esta. Sobressai-se ainda a gratidão que guardam dos familiares e outras pessoas que contribuíram nessa trajetória. Essas memórias são bastante representativas das origens da maioria dos empregados, geralmente filhos de famílias da classe trabalhadora, nascidos na zona rural ou na periferia do próprio município e outros adjacentes.

Outro aspecto que se sobressai dessas memórias são as iniciativas mobilizadas pelos trabalhadores para o ingresso no emprego, que geralmente envolviam contatos previamente estabelecidos com algum gerente da empresa ou intermediados por antigos e ex-funcionários e até por clientes com quem o trabalhador possuía relações de amizade ou parentesco. Essas relações de amizade e de conhecimento com sócios, gerentes ou algum funcionário foram estratégias mobilizadas pelos trabalhadores para ingressar na empresa.

De acordo com os antigos empregados, o emprego na Comercial São Luís era almejado entre os trabalhadores locais. Quase sempre, eles expressam uma representação positiva da empresa, que constitui uma memória afetiva dos tempos em que trabalharam nela. Essa representação positiva da empresa geralmente está associada a certas condições proporcionadas ao empregado, como a garantia dos direitos trabalhistas básicos, pontualidade no pagamento e ao valor dos salários que apesar de não serem altos, estavam acima da média paga pela maioria das empresas da cidade.

Além disso, havia uma relativa estabilidade no emprego, pois não havia muita rotatividade de mão-de-obra, sendo comum o vínculo durar por mais de uma década e, até mesmo, o empregado se aposentar na empresa. Conforme as memórias dos antigos empregados, o emprego na Comercial São Luís representava certo prestígio para o trabalhador, como a facilidade de crédito no comércio da cidade, além de proporcionar conhecimentos que poderiam abrir portas para outras oportunidades de trabalho.

Entre os empregados da Comercial São Luís, como ocorre em qualquer outra empresa, existiam relações de amizade, parentesco, solidariedade, companheirismo, brincadeiras e até namoros e casamentos. Mas havia também rivalidade, competição, tensões e conflitos que eram incentivados pelas diferenças de funções e salários, disputas por premiação, diferenças culturais e ideológicas e até por brincadeiras.

No que se refere à relação vertical com os gerentes da empresa, foi possível apreender que os empregados sabiam selecionar, entre os chefes imediatos, aqueles que eram mais acessíveis e receptivos às suas demandas, que tinham um perfil mais paternalista e dificuldade em dizer um não. Todavia, como ocorre em toda relação trabalhista, também existiam conflitos, insatisfações e atitudes de resistência dos empregados, que se manifestavam tanto em pequenas tensões cotidianas, sem maiores consequências, no local de trabalho, quanto em ações mais ousadas como a procura do Sindicato dos Comerciários e da Justiça do Trabalho para a mediação de questões trabalhistas.

Através das entrevistas com antigos empregados, a pesquisa deu visibilidade às experiências dos trabalhadores, contribuindo para o reconhecimento do lugar desses sujeitos

na história. Como assinala Portelli: “A história oral, não diz respeito só ao evento. Diz respeito ao lugar e ao significado do evento dentro da vida dos narradores.” (PORTELLI, 2016:12). Sem dúvidas, a história da referida empresa e dos seus antigos empregados representa um capítulo importante da história do comércio, da cidade e da região.

Os relatos dos trabalhadores ratificam a necessidade de se ouvir as vozes e dar visibilidade às memórias daqueles que estão ou estiveram na labuta, que sentem ou sentiram, na prática, os sabores e dessabores de trabalhar numa empresa de grande importância local e regional. Isso reforça a compreensão de que a história social do trabalho não deve se ater apenas aos grandes centros urbanos, às grandes fábricas, ao movimento sindical, às greves e partidos operários, mas deve contemplar as múltiplas experiências dos trabalhadores, o cotidiano do trabalho, a vida fora do local de trabalho, a cultura dos trabalhadores e as suas visões de mundo.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Thales de. “*O advento da Petrobrás no Recôncavo*”. In: BRANDÃO, Maria A. (org.). *Recôncavo da Bahia: sociedade e economia em transição*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado; ALBa; UFBA, 1998;

BATALHA, Claudio H. M. *A historiografia da classe operária no Brasil: trajetória e tendências*. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. Bragança Paulista: Universidade São Francisco; São Paulo: Contexto, 1998.

CASTELLUCCI, Aldrin A. *Industriais e operários baianos numa conjuntura de crise*. Salvador: Fieb, 2004;

CASTRO, Nadya Araújo. “Sindicalismo metalúrgico: mesmas cenas em outros cenários?”. *Caderno CRH*, n. 14, jan./jul. 1991;

COSTA PINTO, L. A. “*Recôncavo: Laboratório de uma Experiência Humana*”. In: BRANDÃO, op. cit.; OLIVEIRA, Francisco de. *O Elo Perdido: classe e identidade de classe*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CUNHA, Joaci de Souza. *Amargo açúcar: aspectos da história do trabalho e do capital no Recôncavo açucareiro da Bahia (1945-1964)*. Dissertação (Mestrado em História), Salvador, UFBA, 1995;

FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tânia Maria; ALBERTI, Verena (orgs.). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000.

FLICK, U. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FONTES, José Raimundo. *A Bahia de Todos os Trabalhadores: a classe operária, sindicatos e*

política (1930- 1947). Tese (Doutorado em História). São Paulo: FFCHL-USP, 1997;

GOMES, José Carlos de S. *A dupla exploração e a discriminação do trabalhador negro nas indústrias petroquímicas e químicas de Camaçari*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). João Pessoa: UFPb, 1985;

GUIMARÃES, Antônio Sérgio A. *Um sonho de classe. Trabalhadores e formação de classe na Bahia dos anos oitenta*. São Paulo: HUCITEC, 1988;

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HOBBSAWM, Eric. *Mundos do Trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

IVO, Alex de Souza. *Uma História em Verde, Amarelo e Negro: classe operária, trabalho e sindicalismo na indústria do petróleo (1949-1964)*. Dissertação (Mestrado em História). Salvador, UFBA, 2008.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos da metodologia científica*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

MORIGI, Valdir José; BONOTTO, Martha E. K. Kling. *A narrativa musical, memória e fonte de informação afetiva*. Em *Questão*, v. 10, n. 1, p.143-161, jan./jun. 2004. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/88/47>. Acesso em: 6 fev. 2024.

OLIVEIRA JR., Franklin. *A Usina dos Sonhos*. Sindicalismo petroleiro na Bahia 1954-1964. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1997;

PAIXÃO, Neli Ramos. *Ao soar do apito da fábrica: idas e vindas de operárias (os) têxteis em Valença – Bahia (1950 -1980)*. Dissertação (Mestrado em História). Salvador: Ufba, 2006;

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, pp. 3-15.

PORTELLI, Alessandro. *História oral como arte da escuta*. “História oral: uma relação dialógica” e “Para além da entrevista: uma autoetnografia da minha prática”. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

QUADROS, Edilma Oliveira Souza. *Transformações na cidade: vivências urbanas em Santo Antônio de Jesus/Ba. (1950-1970)*. Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local. UNEB (Universidade do Estado da Bahia-CAMPUS V) – Santo Antônio de Jesus-Bahia. 2009

SANTOS, Hamilton Rodrigues dos. *Sementes do tempo, colheitas da vida: cultura e trabalho de feirantes no Recôncavo Baiano – Santo Antônio de Jesus (1950-1970)* / Hamilton Rodrigues dos Santos. 2018

SANTOS, Marilécia Oliveira. *O viver na “Cidade do Bem”*: tensões, conflitos e

acomodações na Vila Operária de Luiz Tarquínio na Boa Viagem/ BA. Tese (Doutorado em História). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais/ PPGH, 2010;

SANTOS, Mário Augusto S. *A República do Povo. Sobrevivência e Tensão*. Salvador: Edufba, 2001;

SILVA, Elizabete Rodrigues da. *Fazer charutos: uma atividade feminina*. Dissertação (Mestrado em História). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2001;

SOUZA, Edinaldo A. O. *Lei e costume: experiências de trabalhadores na Justiça do Trabalho (Recôncavo Sul, Ba, 1940-1960)*. Salvador: EDUFBA, 2012;

SOUZA, Edinaldo Antônio Oliveira. *Trabalho, política e cidadania: Trabalhadores, sindicatos e luta por direitos (Bahia, 1945-1950)* Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2015.

Souza, E. A. O. (2012). *Mulheres operárias e luta jurídica pela proteção à maternidade em Comarcas do Recôncavo baiano (1943-1949)*. *Cadernos De Pesquisa Do CDHIS*, 24(2). Disponível : <https://seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/view/13293>. Acesso em 11 de fev. de 2024.

THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado: história oral*. São Paulo; Paz e Terra; 3. ed; 2002.

THOMPSON, Edward P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. Idem. “As peculiaridades dos ingleses”. In: Antonio Luigi Negro e Sérgio Silva [Orgs.]. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001

THOMPSON, Eduard P. *A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade*, v. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

5. FONTES

5.1. Entrevistas:

EMPREGADO	GRAU DE INSTRUÇÃO ATUAL	IDADE	TEMPO DE TRABALHO NA EMPRESA	PROFISSÃO ATUAL
Edinaldo Antônio	Curso superior	54	07 anos	Professor
Eliomar José	Ensino médio completo	62	42 anos	Comprador, na mesma empresa
Manoel Félix	Ensino médio completo	56	37 anos	Expedidor de entrega, na mesma empresa

Antonio Mendes Alvaia	Ensino médio completo	59	27 anos	Aposentado
Antonio Marcos	Ensino médio completo	55	03 anos	Vendedor, na mesma empresa
Manoel dos Santos	Ensino médio completo	55	34 anos	Chefe de depósito, na mesma empresa
Manoel de Jesus	Ensino médio completo	58	38 anos	Vendedor, na mesma empresa

5.2. Jornais e fontes empresariais:

BRASIL, **jornal** *A voz das Palmeiras*, n. 35: Disponível em: <https://jornalavozpalmeiras.uol.com.br/historiab/.com.br> Acesso em 24 de janeiro de 2024.

ESPAÇOEMPRESARIASAJ. Disponível em: <https://espacoempresariansaj.com.br/comercial-sao-luis-completou-80-anos-de-historia-em-santo-antonio-de-jesus/> Acesso em 04 de fevereiro de 2024.

5.3. Memorialistas:

FONSECA, Juarez. *Santo Antonio de Jesus: A Capital do Recôncavo*. Santo Antonio de Jesus -Ba. Kaizen.2023.

5.4. Fontes oficiais:

IBGE. FOTOGRAFIA DA PRAÇA DA FEIRA. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=432643>. Acesso em 6 de fev. 2024

IBGE. FOTOGRAFIA DA PRAÇA. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/fotografias/GEBIS%20-%20RJ/ba32655.jpg>. Acesso em 6 de fev. 2024

IBGE: Censos demográfico e comercial 1950 – 1991. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/25089-censo-1991-6.html>. Acesso em 6 de fev. 2024

5.5 Fotografias:

Praça Padre Matheus, então Praça da feira, 1957. Fonte: IBGE. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=432643>

Praça padre Matheus, provavelmente anos 1980. Fonte IBGE. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/fotografias/GEBIS%20-%20RJ/ba32655.jpg>

Foto do armazém São Luis, s.d.. Acervo da empresa.

Foto de clientes na fila do caixa, s.d.. Acervo da empresa.

Foto dos empregados na frente da loja, em comemoração ao cinquentenário da empresa (1991). Acervo da empresa.

6. APÊNDICE

Roteiro das entrevistas

1. Fale um pouco sobre as suas origens e da sua família: onde moravam, em que trabalhavam...Sua escolaridade...
2. Em que ano você começou a trabalhar na São Luis e quanto tempo trabalhou (ou trabalha) na empresa? Houve alguma situação que te levou a pensar em sair da empresa?
3. Como você entrou para trabalhar na São Luis?
4. Qual a visão que você tinha da empresa na época em que entrou para trabalhar? E qual a visão que você tem hoje da empresa?
5. Como eram as condições de trabalho e os salários na época em que você trabalhou na empresa? Ao longo do tempo em que permaneceu na empresa você percebeu alguma mudança nessas condições de trabalho e salários?
6. Geralmente qual era a forma de lazer mais comum dos funcionários fora da empresa?
7. (Em caso afirmativo na questão anterior) Na sua percepção, o que motivou essas mudanças?
8. Como eram as relações entre os empregados da empresa? Havia diferenças nessas relações, de acordo com os cargos ou funções que exerciam?
9. Como eram as relações dos patrões (proprietários e gerentes) com os empregados? Havia algum proprietário ou gerente com quem funcionários tinham mais afinidade? Na sua avaliação, por que isso ocorria?
10. Em SAJ existe um sindicato dos comerciários, você conhece o sindicato? Já foi ou é filiado? Qual a sua visão sobre o sindicato?
11. Você já procurou o sindicato para alguma informação ou outro motivo? Ou conhece alguém que já procurou? Em caso afirmativo qual foi o motivo?
12. Você se lembra de algum funcionário que tenha recorrido à justiça do Trabalho contra a empresa? Lembra-se de alguma informação sobre o processo?
13. Que momento ou situação mais lhe marcou enquanto funcionário da empresa?

7. ANEXOS:

ANEXO A: A loja já ampliada e em departamentos. Acervo particular da empresa, foto s.d.



ANEXO B: Imagem de sócios e clientes no setor de material elétrico. Acervo particular da empresa, foto s.d.



ANEXO C: Atendimento no antigo balcão de vendas. Acervo particular da empresa, foto s.d.



ANEXO D: Imagem da frente da empresa Comercial São Luis, provavelmente dos anos 1980 ou 1990. Acervo particular da empresa, foto s.d.

